

Vozes do Hemisfério Sul em Apoio ao REDD+



Carta aberta: Vozes do Hemisfério Sul em Apoio ao REDD+

Apesar de historicamente contribuírem menos para as alterações climáticas, as nossas comunidades no Hemisfério Sul sofrem mais com o seu impacto. Carregamos este fardo enquanto servimos simultaneamente de guardiões do que resta dos ecossistemas mais biodiversos da Mãe Terra. Usando o conhecimento transmitido pelos nossos antepassados, temos efetivamente gerido o capital natural da Terra ao longo de gerações e agora somos aqueles que impedem a crise climática de se tornar cataclísmica.

Em termos globais, as terras indígenas e comunitárias retêm [pelo menos 22% do carbono armazenado em florestas tropicais e subtropicais, 17% do total de carbono armazenado em florestas e 80% da biodiversidade do mundo](#). Se quisermos parar a deflorestação e manter o aquecimento global em 1,5°C alcançando um mundo com emissões zero, o financiamento climático de elevada integridade deve ser dimensionado e canalizado para os esforços de conservação liderados por povos indígenas. Só respeitando os nossos direitos, tradições e conhecimento ancestral, a comunidade internacional poderá preservar o planeta para as gerações futuras de todas as comunidades e povos.

De momento, há poucas maneiras de as nossas comunidades acederem ao financiamento que nos é devido pelos nossos esforços e sucessos na proteção da natureza. Os projetos REDD+ (Redução das emissões provenientes da deflorestação e degradação florestal) oferecem uma das únicas vias comprovadas disponíveis para as nossas comunidades acederem ao financiamento necessário, não apenas para conservar e proteger o nosso meio ambiente, mas também para promover o desenvolvimento sustentável das nossas comunidades que são moldadas pelas nossas tradições e valores. Críticas recentes sobre a validade do REDD+ como mecanismo de conservação ignoraram estes benefícios positivos e puseram em risco esta fonte crítica de financiamento e, em última instância, o bem-estar das nossas comunidades.

Não só a análise científica que fundamenta a crítica foi repetidamente refutada, mas uma vez mais as vozes das nossas comunidades estiveram quase ausentes da narrativa. A nosso ver, os projetos de conservação bem

implementados, que utilizam o modelo REDD+, são algumas das maneiras mais poderosas das empresas e dos governos do Hemisfério Norte canalizarem efetivamente o tão necessário financiamento diretamente para as comunidades do Hemisfério Sul. Esta transferência de recursos do norte para o sul irá proteger, em última instância, florestas críticas para o clima, enquanto prioriza os meios de subsistência e as necessidades do nosso povo, promovendo o desenvolvimento sustentável das comunidades locais e preservando as nossas tradições, culturas e conhecimentos.

Aqueles que duvidam do potencial do REDD+ na conservação da natureza alegam que os impactos positivos destes projetos estão a ser sobrestimados. No entanto, ninguém nos perguntou a nós, que vivemos nas terras em questão, quais os impactos e como nos podemos tornar parceiros para reforçar e melhorar os mecanismos de financiamento climático de elevada integridade, incluindo programas de crédito REDD+, para alcançar emissões zero e proteger as nossas terras. Sejam quais forem os resultados de novos métodos de medição, simplesmente não se podem comparar ao que vemos todos os dias ao viver em e junto ao que resta dos habitats naturais da Terra. Aqueles interessados em conhecer os impactos dos projetos REDD+ devem incorporar o nosso conhecimento e observações nas suas análises, se quiserem ter uma visão exata.

Além dos efeitos robustos que estes projetos têm na promoção de ecossistemas saudáveis, biodiversificados, a narrativa anti-REDD+ não levou em consideração os efeitos positivos significativos que o REDD+ está a ter nas nossas comunidades, incluindo:

Proporcionar-nos os recursos para construirmos um futuro definido pelas nossas próprias tradições, culturas e valores

O financiamento climático de elevada integridade e qualidade, incluindo os créditos de carbono de elevada integridade, ajudam-nos a gerar receitas a partir dos nossos recursos naturais nos nossos termos. Em vez de confiar em compromissos de ajuda pouco convictos feitos por líderes no estrangeiro, queremos ter a certeza de que o financiamento vai diretamente para as mãos das nossas comunidades.

Aqueles que assinaram esta carta estão preocupados com o facto de que as recentes e incorretas críticas aos projetos REDD+ causem danos prejudiciais a um mecanismo de financiamento essencial. Estamos cientes de que este caminho tem desafios, mas se os jornalistas ou qualquer pessoa preocupada nos tivesse pedido a nossa perspetiva, teria ficado claro que há muito mais na história do REDD+ do que medições incorretas dos impactos da desflorestação nas nossas terras.

Consideramos, os programas de crédito REDD+ nos nossos territórios, o caminho mais direto para reconhecer, salvaguardar e receber compensação pelos nossos trabalhos de conservação tradicionais. Trata-se de uma ferramenta crítica para garantir que temos os recursos necessários para o nosso desenvolvimento e para que o nosso futuro seja definido pelas nossas próprias culturas e valores.

Um caminho claro para o desenvolvimento sustentável

Os projetos REDD+ bem geridos permitem que as comunidades locais construam economias fortes, lideradas por indígenas e assentes na natureza, que não precisem de depender de atividades de extração.

Muitos projetos REDD+ também geram benefícios com impacto para a sociedade, incluindo económicos. Apoiamos estes projetos porque, até à data, têm proporcionado uma via significativa para garantirmos os nossos direitos legais, e os meios financeiros para valorizarmos as nossas práticas ancestrais e proteger as nossas terras e a Mãe Terra. Estes projetos criaram as condições para reforçar o financiamento indígena, para promover oportunidades sustentáveis de subsistência, o acesso à saúde e educação, a capacitação das

mulheres, iniciativas de desenvolvimento comunitário, entre outros.

Aqueles no Hemisfério Norte devem fazer mais para garantir que as nossas perspetivas são consideradas antes de publicarem uma história que arrisca tirar recursos críticos às nossas comunidades com base numa narrativa que não retrata a situação completa. As metodologias do REDD+ não são perfeitas, concordamos com isso, mas estão a ser feitas melhorias constantes com base em dados científicos. Os programas de créditos de carbono do REDD+ devem receber a oportunidade e o apoio para crescerem até atingirem o seu potencial máximo, como uma parte importante de um mercado que dá prioridade à transparência e integridade.

No entanto, se é para as nossas terras, povos e descendentes sobreviverem e prosperarem, não podemos afastar-nos do financiamento climático de elevada integridade, incluindo o proporcionado pelos mercados de carbono e projetos REDD+. No que respeita à promoção de soluções assentes na natureza e lideradas por indígenas, à escala e velocidade necessárias para atingir as metas climáticas globais, são o nosso recurso mais crítico.

Precisamos de apoio imediato e firme de governos e compradores do Hemisfério Norte – que devem continuar a envolver-se responsabilmente com o mercado voluntário de carbono e outros programas de crédito REDD+, à medida que continuam a evoluir, e garantir que o financiamento continua a fluir para o Hemisfério Sul.

Esta carta foi assinada por grupos e organizações liderados por indígenas que trabalham para apoiar Povos Indígenas em mais de 40 países em todo o mundo:



- [A Fundação Indígena FSC](#) é uma organização global criada por e para Povos Indígenas, que procura dar soluções de longo prazo para apoiar comunidades indígenas em todo o mundo.



- [O Comité de Coordenação dos Povos Indígenas de África \(IPACC\)](#) é uma rede de 135 organizações de povos indígenas em 21 países africanos. Isto faz desta a maior rede de povos indígenas do mundo.



- [A The Peoples Forest Partnership \(PFP\)](#) é uma parceria igualitária entre comunidades florestais e organizações de todos os setores da economia, sociedade civil e governo, comprometida em direcionar o financiamento climático diretamente para os Povos Indígenas, proprietários tradicionais e comunidades locais (IPLC).



- [A Aliança Mesoamericana de Povos e Florestas \(AMPB\)](#) (AMPB) é a aliança de povos indígenas e comunidades locais que protegem as maiores áreas florestais que vão do Panamá ao México.

As seguintes organizações do Hemisfério Sul também assinaram esta carta a subscrever o seu apoio:



- [A VNV Advisory Services](#) é uma empresa de Serviços Ambientais sediada em Bangalore, Índia.



- [A Aliança Brasil NBS](#) é uma organização privada sem fins lucrativos, que tem por objetivo promover e incentivar uma agenda para combater a desflorestação e a degradação florestal, através da criação de diretrizes e boas práticas, de modo a gerar um ambiente de negócios seguro e fiável.



- [A Bai Ani Foundation](#) dá apoio aos pequenos agricultores de cacau e abaca, numa abordagem integrada da paisagem que funde o desenvolvimento económico com a proteção ambiental.



- [A Integradora de Comunidades Indígenas y Campesinas de Oaxaca \(ICICO\)](#) é uma organização sem fins lucrativos composta por 12 comunidades de cinco regiões do estado de Oaxaca, que se dedica à promoção do desenvolvimento sustentável, à geração de emprego, ao fortalecimento das capacidades locais, bem como à manutenção, melhoria e conservação dos ecossistemas florestais, agroflorestais e agrícolas das comunidades.

As nossas vozes

A verdade é que vemos que estes projetos não só têm um impacto demonstrável na redução da desflorestação, como também servem para canalizar recursos financeiros para as nossas comunidades, valorizando a nossa contribuição para as soluções climáticas globais e apoiando o nosso desenvolvimento. Sem estes projetos em vigor, as taxas de desflorestação teriam continuado a aumentar e as nossas comunidades teriam continuado a suportar o maior impacto das alterações climáticas com menos recursos para o mitigar e se adaptar.

A seguir está o que dizem as verdadeiras vozes das comunidades do Hemisfério Sul sobre os benefícios que as receitas dos créditos de carbono do REDD+ trazem às comunidades no terreno:

Mariamu Anyawire Mwakilosa, Coordenadora Comunitária no Projeto Yaeda-Eyasi, Aldeia de Qangdend, Tanzânia:

“O financiamento de carbono trouxe benefícios significativos para a comunidade. O projeto promoveu a gestão responsável das florestas, o planeamento adequado do uso e a conservação da terra. Em conjunto, estas práticas melhoraram o meio ambiente local e apoiaram a preservação da vida selvagem existente. Além disso, o projeto trouxe novas e adicionais fontes de rendimento. O financiamento que recebemos da venda de créditos de carbono financia muitas coisas importantes para a nossa comunidade, como a construção de escolas e instalações de saúde e o pagamento dos salários dos locais para serem os Vigilantes da Vida Selvagem da Aldeia, que protegem as florestas.”

Regina Nada Safari, Coordenadora Comunitária no Projeto Yaeda-Eyasi, Aldeia de Qangdend, Tanzânia:

“Incito as empresas que compram créditos de carbono a continuarem ou a aumentarem as suas compras. Este financiamento é fundamental para o sucesso do projeto e para que os benefícios proporcionados às pessoas e comunidades continuem. Obrigada, deixo-vos com as palavras: sem floresta, não há vida.”

Faraja Oswald Alberto, Diretor Financeiro do Projeto Ntakata Mountains, Tanzânia Ocidental:

“Antes do início do projeto de proteção florestal Ntakata Mountains, houve uma invasão e a desflorestação maciça das áreas florestais. As nossas terras ficaram muito danificadas. Depois disso, a comunidade decidiu fazer um plano para melhorar o uso da terra e implementar um projeto de carbono florestal. O ambiente começou a melhorar gradualmente, à medida que a comunidade recebia financiamento de carbono para apoiar projetos sustentáveis e a conservação florestal. Além disso, atualmente, mais de 25 000 pessoas nas oito aldeias das áreas do projeto beneficiam dos desenvolvimentos, tais como clínicas, escolas e seguro de saúde. Isto está a melhorar a comunidade local e a nossa economia.”

Supuk Olekao, Responsável da WMA de Makame, em representação de cinco aldeias Maasai, Irkiushoibor, Makame, Katikati, Ndedo e Ngabolo, e respetivas comunidades, Tanzânia:

“As receitas financeiras dos créditos de carbono significam que agora ganhamos com a proteção das nossas florestas, da maneira como sempre fizemos, e que agora temos os recursos para garantir que as nossas terras não são invadidas e as nossas florestas permanecem de pé. Mais importante ainda, o financiamento de carbono também traz saúde e educação às nossas comunidades, e podemos proteger os nossos meios de subsistência e a nossa cultura como Maasai.”

Kanyinke Sena, Comité de Coordenação dos Povos Indígenas de África:

“Como um dos principais impulsionadores do REDD+ em África, temos proporcionado uma grande oportunidade aos povos indígenas. Pela primeira vez, o termo “povos indígenas” pôde ser discutido livremente nos corredores dos governos africanos. Em todos os países do REDD+, as vozes do IPLC foram trazidas para a mesa como parte dos requisitos do REDD+. O REDD+ também contribuiu para o estabelecimento de mecanismos de subvenção dedicados aos PI, por exemplo, no âmbito do Mecanismo de Parceria para o Carbono Florestal e das Orientações do UNREDD FPIC no Quênia. No entanto, o REDD+ jurisdicional não alcançou o seu potencial devido à insistência de camadas sobre camadas de políticas de salvaguarda. Isto desacelerou os programas e desiludiu bastante as comunidades.”

Joseph Mwakima, Diretor de Relações Comunitárias do projeto REDD+ Wildlife Works Kasigau Corridor:

“As minhas aspirações não são apenas para o nosso projeto, mas sim para o mundo inteiro. A minha esperança é que possamos abraçar o REDD+ e iniciativas semelhantes que investem nas comunidades para conservar o ambiente. Em Kasigau, através do projeto REDD+ Wildlife Works, temos uma maneira de cuidar da floresta e de ajudar os seres humanos a coexistirem com a vida selvagem. Através do trabalho do REDD+, somos capazes de financiar o que necessitamos, como educação, acesso a água potável e clínicas. Porque não quereríamos replicar o REDD+ em todo o mundo? Esta mensagem é para todos. Vamos trabalhar juntos. As alterações climáticas estão aqui e temos de fazer algo para ter um planeta onde possamos viver e que possamos deixar às gerações futuras.”

JR Bwangoy-Bankanza, Diretor Nacional da RDC, Wildlife Works:

“Eu presenciei o potencial do mercado de carbono voluntário em promover a justiça climática e social. As receitas do carbono pagaram salários de professores, novas escolas, infraestruturas de saúde, a intensificação da agricultura e instalações de água potável. Embora os resultados possam parecer, à superfície, irrealistas em comparação com os da ajuda tradicional do Hemisfério Norte, o financiamento de carbono é um desvio sério deste modelo. Essencialmente, o mercado de carbono voluntário permite-nos gerar rendimentos a partir dos nossos recursos naturais. Não estamos dependentes de compromissos pouco convictos feitos por líderes no estrangeiro. E podemos ter a certeza de que o financiamento acaba nas mãos das comunidades locais. Embora eu seja o primeiro a reconhecer que o REDD+ necessita de salvaguardas rigorosas, temo que os críticos não estejam a considerar um ponto crucial. Muitos de nós aqui em Mai Ndombe observámos melhorias transformativas na nossa qualidade de vida, que durarão por gerações, devido ao financiamento que geramos através da conservação florestal.”

Faraja Oswald Alberto, Diretor Financeiro do projeto Ntakata Mountains no oeste da Tanzânia:

“Antes do início do projeto de proteção florestal Ntakata Mountains, houve uma invasão e a desflorestação maciça das áreas florestais. As nossas terras ficaram muito danificadas. Depois disso, a comunidade decidiu fazer um plano para melhorar o uso da terra e implementar um projeto de carbono florestal. O ambiente começou a melhorar gradualmente, à medida que a comunidade recebia financiamento de carbono para apoiar projetos sustentáveis e a conservação florestal. Mais de 25 000 pessoas nas oito aldeias das áreas do projeto beneficiam de desenvolvimentos como clínicas [de saúde], escolas e seguro de saúde. Além disso, a presença de salas de aula modernas e de comida para os alunos nas escolas melhora consideravelmente a educação na comunidade. Os Vigilantes da Vida Selvagem da Aldeia são agora totalmente empregados pelas suas aldeias para protegerem as florestas e recebem um salário mensal das receitas dos créditos de carbono. Grupos de empreendedores beneficiam de pequenos empréstimos tornados possíveis pelo financiamento de carbono de Cocoba (Bancos de Conservação Comunitários) para realizarem várias atividades geradoras de riqueza. Isso está a melhorar a economia local e a comunidade.”

Supuk Olekao, Responsável da WMA Makame, em representação de cinco aldeias Maasai, Irkiushoibor, Makame, Katikati, Ndedo e Ngabolo, e respetivas comunidades na Tanzânia:

“Definimos uma área de conservação comunitária, ou Área de Gestão da Vida Selvagem (WMA), em 2009, para impedir a invasão das nossas terras e a sua desflorestação por parte de agricultores de subsistência nas imediações. No entanto, a autoridade de gestão da WMA foi incapaz de pô-la em prática devido à falta de financiamento. Tínhamos a organização, as ideias e as pessoas, mas não os recursos para proteger realmente as nossas terras e florestas. Fizemos parceria com a Carbon Tanzania para criar um projeto de carbono florestal em 2016. As receitas financeiras dos créditos de carbono, que agora ganhamos com a proteção das nossas florestas, como sempre fizemos, significam que agora temos os recursos para garantir que as nossas terras não são invadidas e as nossas florestas permanecem de pé. Mais importante ainda, o financiamento de carbono também traz saúde e educação às nossas comunidades, e podemos proteger os nossos meios de subsistência e a nossa cultura como Maasai.”

Regina Nada Safari, Coordenadora Comunitária no Projeto Yaeda-Eyasi:

"Devido ao desconhecimento da importância da educação ambiental, houve um aumento nos danos ambientais próximo da aldeia de Domanga. Muitas pessoas simplesmente desconheciam quer os danos causados pela desflorestação, quer os benefícios da conservação da natureza. No entanto, desde o início do projeto de carbono, as florestas são cada vez mais vistas como a base de todas as atividades comunitárias, e os inúmeros benefícios que proporcionam são reconhecidos. Além disso, as receitas de carbono geradas com a proteção da floresta melhoraram o acesso à educação para muitos na aldeia de Domanga, incluindo para mim. O processo está a funcionar aqui no terreno. Peço às empresas que compram créditos de carbono que continuem ou até mesmo aumentem as suas compras. Este financiamento é vital para o sucesso do projeto e para que os benefícios que proporciona aos indivíduos e comunidades continuem. Obrigada, deixo-vos com as palavras: sem floresta, não há vida." [Traduzido do suaili]

Mariamu Anyawire Mwakilosa, Coordenadora Comunitária no Projeto Yaeda-Eyasi, sobre o Vale de Yaeda:

"Qangdend é uma aldeia formada por agricultores, pastores e caçadores-coletores. Antes da celebração do contrato com a Carbon Tanzania, a desflorestação representava um desafio significativo para nós. Na altura, estavam a chegar à aldeia muitos novos migrantes, atraídos pela crescente popularidade do cultivo de cebola. Embora se trate de uma cultura com grande valor comercial, o cultivo de cebola tem piorado progressivamente a degradação florestal na região de Eyasi. Porém, o financiamento de carbono trouxe benefícios significativos para a comunidade aqui. O projeto promoveu a gestão responsável das florestas, o planeamento adequado do uso das terras e a sua conservação. Em conjunto, estas práticas melhoraram o ambiente a nível local e apoiaram a preservação da vida selvagem existente. Além disso, o projeto trouxe para as aldeias, que assinaram um contrato com a Carbon Tanzania, mais e novas fontes de rendimento. O financiamento que recebemos da venda de créditos de carbono financia muitas coisas importantes para a nossa comunidade, como a construção de escolas e instalações de saúde, além de pagar os salários de locais para serem os Vigilantes da Vida Selvagem da Aldeia que protegem as florestas." [Traduzido do suaili].

Dominique de Ambodimanga, um município em Madagáscar:

"Venho de Ambodimanga. Antigamente, havia aqui muitas florestas, mas foram destruídas por cortes excessivos e incêndios. Agora, a empresa Bôndy está a dar-nos mudas e estamos dispostos a reflorestar para cobrir novamente a nossa terra de árvores. Estamos motivados a fazer esta reflorestação em Ambodimanga porque para nós representa um património que podemos deixar às gerações futuras. Antes, encontravam-se aqui várias espécies de fauna, como a ankomba, que vivia nas árvores, e a trandraka, que vivia no solo, mas agora desapareceram da área. Queremos, portanto, trazer de volta tudo o que havia aqui antes através da reflorestação."

Jonathan Joson, Diretor, BaiAni Foundation, Filipinas:

"A BaiAni Foundation continua a dar apoio a meios de subsistência agrícolas, a agricultores familiares e comunidades indígenas em Mindanau. Faz isto integrado com soluções climáticas para sustentar as suas iniciativas de transformação rural. Os programas direcionados para agricultores e povos indígenas são insustentáveis se dependerem essencialmente do apoio de doadores e de contribuição de corporações de curto prazo. Trabalhar com comunidades em terras altas, para desenvolver créditos de carbono de elevada integridade, também proporciona uma via de financiamento viável para as comunidades e benefícios climáticos."

Eleuterio Manaytay, Chefe Tribal Provincial e Representante Obrigatório dos Povos Indígenas de Davao Oriental nas Filipinas:

“Os povos indígenas Mandaya e Kagan, de Davao Oriental, desde há muito que são os guardiões das florestas nos seus domínios ancestrais. No entanto, devido às pressões causadas por incursões às nossas terras, pela pobreza e pelas mudanças no uso da terra, as nossas florestas têm vindo a diminuir anualmente a um ritmo acelerado. O governo sozinho não pode resolver o problema da desflorestação. As comunidades de PI há muito que expressam a sua determinação em proteger a floresta que resta com o apoio da vigilância florestal, aplicação da lei e meios de subsistência. A proteção florestal assente no desempenho oferece através do REDD+ um apoio sustentável para que as nossas comunidades tribais não só defendam as suas fontes de alimentos, biodiversidade e património, como também sejam a nossa pequena contribuição para o mundo no combate às alterações climáticas. Perder esta oportunidade é quase como pronunciar uma sentença de morte para a nossa tribo e cultura.”

Tulasi Sangraula, Presidente da Federação de Utilizadores de Florestas Comunitárias do Nepal (FECOFUN) para a Província de Koshi, Nepal:

“Como Presidente Provincial da Federação de Utilizadores de Florestas Comunitárias do Nepal (FECOFUN) para a província de Koshi, tenho muito gosto em partilhar convosco a singularidade do nosso território e experiências do topo do mundo. O Everest, e mais quatro picos de oito mil metros, encontram-se nesta província, que se afunila ao longo de uma extensão de cerca de 150 kms, fazendo com que este ecossistema terrestre seja extremamente diversificado. A variação altitudinal acentuada deu origem a diversas zonas ecológicas com diferentes tipos de florestas que abrigam uma grande diversidade de flora e fauna, muitas das quais importantes a nível global. Grupos comunitários gerem a floresta neste hotspot biológico através de instituições locais, chamadas Grupos Comunitários de Utilizadores Florestais (CFUG), que constituem a imagem de marca da gestão participativa das florestas a nível mundial. Estes grupos são instituições democráticas locais, com a sua própria constituição, sistema de governança socialmente inclusivo, planos de gestão e operacionais e conta bancária. Existem, no total, 3758 CFUG nesta província, que gerem 421 529 hectares de floresta com a participação ativa de mais de meio milhão de agregados familiares, o que se traduz num alcance de mais de 2 milhões de pessoas.”

Rumini, trabalha na Yayaysan Konservasi Pesisir Indoneisa (Yakopi), uma organização sem fins lucrativos que trabalha para conservar e restaurar mangais:

“Vivo em Klantan Luar, Distrito de Langkat, tenho 56 anos, 5 filhos e 4 netos. Há muito que faço parte do grupo dos mangais. Sempre segui a sua atividade. Entrei porque queria continuar a proteger os mangais. Quero que esta planta seja sustentável para todos os nossos netos. O meu marido e eu juntámo-nos ao grupo para proteger os mangais para o nosso futuro e para os peixes, caranguejos e camarões terem onde se reproduzirem, como eu e a minha família. Tenho 2 filhos que ainda estão na escola e precisamos de dinheiro para pagar os estudos, por isso, isto é muito útil para nós. Enquanto houver mangais, a minha família é ajudada financeiramente. Dos mangais podemos tirar peixe, caranguejos e camarões, que estão agora muito melhores, porque os mangais podem crescer melhor e ser um lar para todos eles, e eu sempre posso ajudar a nossa economia que aqui existe há 50 anos.”

Mariya Lakshi Kosta, Empreendedora, Mohuttuwarama, Lagoa de Puttlam, Kalpitiya, Sri Lanka:

“Sou grata a este projeto. Pude fazer um programa de formação adicional ao abrigo deste projeto de restauração de mangais. Aprendi muitas artes manuais, métodos de corte e costura, tricô e ainda culinária. Isso deu-me uma oportunidade maravilhosa de melhorar as minhas habilidades e capacidades. Estas novas habilidades e conhecimentos ajudaram-me a ser uma mulher empreendedora autoconfiante e bem-sucedida. Estou muito feliz por poder apoiar, não só o bem-estar da minha família, como também a subsistência da nossa comunidade através deste projeto.”

A.S. Vihaldeen, Agricultor, Sammatiyavadi, Pallivasaithurai, Lagoa de Puttlam, Sri Lanka:

“Vivemos nesta floresta de mangues e neste ecossistema lagunar há muitas gerações. Mas, por numerosas razões, este ecossistema foi destruído e os habitats naturais foram perturbados. Este projeto deu-nos bons conhecimentos e incentivou-nos a continuar a cultivar e a proteger o solo. Isso proporcionou-nos uma boa colheita. Também gostaria de destacar que esta é a principal fonte de rendimento das nossas famílias. Por isso, este projeto é benéfico para a nossa comunidade.”

P. Sylvester Fernando, Pescador, Mohuttuwarama, Lagoa de Puttlam, Kalpitiya, Sri Lanka:

“Esta é uma forma sustentável de proteger o ambiente. Neste projeto dão-nos plantas para plantar e também nos pagam para cuidarmos delas. Isso motiva-nos a dar prioridade e a preocuparmo-nos mais com o ambiente. Além disso, este projeto ajuda-me a ter uma fonte de rendimento adicional para a minha família. Estou muito contente por fazer parte e também por ser chefe de equipa neste projeto. O meu filho e a minha mulher também fazem agora parte deste projeto. Por isso, a minha família tem apreço por este projeto.”

W.D Daminda, Agricultor, Lagoa de Puttlam, Sri Lanka:

“Este projeto trouxe muitos benefícios às nossas florestas de mangais e à diversidade das lagoas. As lagoas são conhecidas por serem berçários para a reprodução de peixes e especialmente de camarões. Mas nos dias de hoje, devido ao turismo não planificado e à utilização de Dolomite na pesca, e também a alguns químicos como o cloro, os habitats são destruídos e o ambiente poluído. Este projeto tem como tema a conservação dos mangais para proteger a comunidade. Neste sentido, é muito bom e eu e a minha família queríamos agradecer muito por este projeto e também pedir a outros que se juntem a ele.”

W.T.P Krishnan, Pescador em águas interiores de Pambattihandiya, Lagoa Mundal, Sri Lanka:

“Este projeto é muito bom para a nossa comunidade e também para o povo do Sri Lanka. Mais importante ainda, sendo uma ilha, temos uma grande extensão de mangais e ecossistemas lagunares no nosso país. Para proteger estas zonas húmidas e corpos de água salobra, o solo é indispensável. Este projeto ajuda a proteger o ambiente com uma gestão adequada e a conservar os mangais e o ecossistema. Coletivamente, melhora a qualidade de vida da nossa comunidade. Agradeço a este projeto do fundo do coração.”

S.P. Somapala, Pescador em águas interiores, Lagoa de Panakala, Sri Lanka:

“A comunidade piscatória da nossa lagoa vive da pesca. A lagoa tem um extenso pântano de mangais onde habitam muitas espécies de flora e fauna, como peixes, crocodilos e pássaros. Devido à guerra civil no Sri Lanka, grande parte foi destruída, e ficamos muito pobres. Mas depois deste projeto de restauração de mangais, temos agora muitas oportunidades e diria que nos deu uma nova vida. Este projeto colaborou com o departamento de vida selvagem, Timber Corporation, e muitos outros órgãos governamentais, e ajuda-nos a melhorar a nossa qualidade de vida e também a conservar os mangais e o ambiente de forma sustentável. Tenho orgulho e o privilégio de participar neste projeto como chefe de equipa.”

Vignashwaran, Pescador em águas interiores, Lagoa de Mundalama, Sri Lanka:

“A nossa família agradece e tem apreço por este projeto de restauração de mangais por nos ajudar a ter uma fonte de rendimento adicional e também a garantir o futuro dos nossos filhos. Além disso, este projeto permite proteger o ambiente e a biodiversidade da flora e fauna das zonas húmidas da lagoa. Através deste programa, são desenvolvidas áreas de viveiro onde camarões e muitas variedades de peixes estão concentrados. A minha família está feliz por trabalhar neste projeto.”

Mon Samien, Aldeia de Ork 4, Distrito de Koh Nhek, Província de Mondulkiri, Camboja:

“Antes da intervenção do projeto na minha comunidade, a minha subsistência dependia de produtos florestais não madeireiros porque era só isso que eu sabia fazer. Agora quanto ao clima, está a afetar a comunidade no que respeita aos efeitos das alterações climáticas. Na estação das chuvas, os agricultores começaram a plantar e cultivar legumes, mas não choveu regularmente como seria de esperar. Houve chuva, mas acabou por secar. Não há chuva contínua para os agricultores poderem cultivar e ter boas colheitas. Após a intervenção do projeto, os agricultores foram encorajados a praticar tipos de agricultura e a cultivar legumes diferentes como meio de subsistência e fonte de rendimentos. Desde então, comecei a mudar a minha atividade de subsistência.”

Veronica Moniz, Chefe de Aldeia, Anahun, Aldeia de Odomau, Timor-Leste:

“Acredito que este projeto ajudará muito Timor-Leste a tornar-se o país mais verde do mundo. Existe um grande potencial da minha comunidade mudar de atitude através do seguimento das diretrizes das práticas agroflorestais integradas e sustentáveis e das práticas agrícolas permanentes, no sentido de apoiar e garantir (a vitória na luta contra) as alterações climáticas para liderar a nova geração de Timor-Leste. Este projeto também nos vai permitir continuar a cultivar e a aumentar os rendimentos da nossa família. O meu sonho irá tornar-se uma realidade se este projeto for usado para orientar os agricultores da minha aldeia a longo prazo a alcançarem o objetivo de aumentar os rendimentos das (todas as) famílias.”

Lucia Pereira, Chefe de aldeia, Moleana, Aldeia de Ritabou, Timor-Leste:

“Estou confiante que o projeto irá ajudar os agricultores da minha aldeia a melhorarem a qualidade e a quantidade de culturas através de práticas agroflorestais sustentáveis, cercas para o gado, alimentação para o gado e plantação de culturas para a sua segurança alimentar, e que as pessoas irão plantar árvores para produzirem benefícios do carbono. Todos os produtos serão levados para o mercado e as (pessoas) ficarão entusiasmadas ao ganharem dinheiro com as suas próprias explorações agrícolas. Os agricultores estão dispostos a ceder as suas terras para a implementação deste projeto, de modo a ganharem dinheiro no futuro através do seu trabalho árduo.”

Maria Borges, Dirigente do Grupo de Mulheres, Miligo, Aldeia de Lia bote, Timor-Leste:

“Com este projeto, também receberemos formação empresarial que nos ajudará a fazer negócio com os nossos produtos agrícolas. O dinheiro que receber com a venda dos meus produtos agrícolas, reservarei algum para o meu grupo cooperativo e o restante é para comprar produtos e vendê-los no mercado. O dinheiro da cooperativa ajuda a pagar as mensalidades escolares dos meus filhos e as compras diárias necessárias em casa. Sou membro do grupo, o que facilita a obtenção de um empréstimo da cooperativa com uma taxa de juro reduzida. Nestas atividades, como pequena empresária, sou apoiada pelo meu marido e filhos para gerir o negócio.”

Rodina Gama, Grupo de Mulheres Agricultores e Promotora de Produtos Locais, Tapo Meak, Aldeia de Manapa, Timor-Leste:

“Este projeto agroflorestal integrado constitui um sinal do impacto positivo que nos ajudará a ter boas práticas agrícolas, com formação no processamento de alimentos locais para serem vendidos no mercado local e nacional. Recebemos formação em manteiga de amendoim, produzimos a manteiga de amendoim e vendemo-la no mercado. O dinheiro que recebemos é guardado em duas caixas; uma é usada para o processamento de amendoim e a outra para as nossas necessidades básicas em casa e para as necessidades escolares das crianças. Os resultados desta aprendizagem ajudam realmente a aumentar os rendimentos na nossa família.”

Alina Liviet, Vice-Presidente do Comité Permanente dos Povos Indígenas da FSC, Comunidade de Ixtlán de Juárez, Oaxaca, México:

“A comunidade de Ixtlán aventurou-se há 2 anos na venda de créditos de carbono, tem florestas certificadas há mais de 20 anos pela FSC e, para ter florestas fortes e saudáveis, a comunidade requer um grande investimento económico, que vai desde a recolha de sementes, cultivo de árvores, reflorestação, manutenção, combate a pragas e incêndios, conservação de aquíferos, preservação da flora e fauna nativas e ameaçadas, entre outras atividades. Há mais de 40 anos que a comunidade de Ixtlán tem levado a cabo estas atividades, com recursos próprios e algum apoio do governo, daí que a venda de créditos de carbono tem trazido recursos económicos que são usados em parte para financiar essas atividades e devolver assim à floresta uma pequena parte de tudo o que nos oferece.”

Eugenio Yatz Tacul, Dirigente da comunidade El Cedro em Livingston, Izabal, Guatemala:

“Na comunidade de El Cedro participamos com 345 hectares de floresta, que são conservados através do Projeto REDD+. Graça a ele, conseguimos uma série de benefícios para as famílias e trazer bem-estar à comunidade. Além disso, através do projeto, adquirimos 7 armadilhas fotográficas com as quais temos podido observar toda a biodiversidade que habita as nossas florestas, destacando-se a observação de muitos felinos, como o ocelote e o tigrillo.”

Mayra Pop, Bolsista do programa de bolsas de estudo, Izabal, Guatemala:

“Através do Projeto REDD+, os adolescentes e jovens de comunidades como a minha podem continuar e concluir os seus estudos. Além disso, temos acesso a serviços básicos de saúde e a aconselhamento pessoal sobre os nossos Direitos Humanos e os Direitos das Mulheres. Através do projeto, pude ser a primeira mulher da minha família a começar (e brevemente a terminar) estudos universitários, e a primeira na minha comunidade a romper a barreira do casamento com filhos numa idade jovem.”